



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

**ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: REFLEXÕES  
SOBRE A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

Jéssica Letícia de Souza da Silva

Brasília – DF

2015

Jéssica Letícia de Souza da Silva

**ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: REFLEXÕES  
SOBRE A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília – DF

2015

Trabalho final de curso de autoria de Jéssica Letícia de Souza da Silva, intitulado *“ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE”*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em **12/06/2015** à banca examinadora abaixo assinalada:

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora  
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

---

Professor Dr. José Luiz Villar Mella  
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Carolina Cássia Batista Santos  
Serviço Social – SER, Universidade de Brasília – UnB

## DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todos (as) os (as) educadores (as) e  
trabalhadores (as) brasileiros (as).

## **AGRADECIMENTOS**

À memória de meus avós, Aurora Pouso da Silva e Davi Pinheiro da Silva, casal determinado a quem devo tudo que sou.

A minha amada tia, Eliana Pouso, com amor e carinho pela paciência e cuidados.

A minha querida irmã, Bruna de Souza da Silva, com quem cresci e compartilhei tantas experiências. Saiba que apesar dos rumos de nossas vidas serem totalmente diferentes nos completamos nas nossas singularidades.

As minhas demais irmãs, Sarah de Souza Oliveira, Gabrielle Lima Pouso e Juliana Lima Pouso todas especiais e maravilhosas a sua maneira.

Aos meus pais, Jorge Antônio Pouso da Silva e Vanderli Barbosa de Souza, com respeito e afeto.

As minhas leais amigas Andrea Lopes, Bianca Póvoa, Ednair Macedo, Eloíse Teles, Jéssica Bevilaqua Montagner, Jéssica Cristine, Jessika Correia, Priscilla Silvério e Renata Bastos Pereira. Mais que amigas vocês são as irmãs que escolhi para a vida toda.

A minha sogra, Nancy Mendanha Costa e meu sogro João Batista Silva Costa, com alegria e admiração pela família linda e unida que construíram ao longo de anos de casamento.

A Hugo Mendanha Costa, que com amor incondicional (e paciência) sempre cuidou de mim. Sem você essa caminhada não teria sentido e nem fim. Obrigada por acreditar e por me apoiar em todas as decisões.

A comunidade do Sol Nascente, com respeito e carinho.

A todos (as) professores (as) da Faculdade de Educação, em especial a minha querida orientadora, Sonia Marise Salles de Carvalho pela sua admirável trajetória acadêmica e pessoal e por compartilhar comigo suas experiências.

A todos (as) os (as) futuros Pedagogos (as), com minha profunda admiração.

## EPÍGRAFE

*“Vou mostrando como sou e vou sendo como posso,  
jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos e  
pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto”.*  
(*Mistério do Planeta - Luís Galvão / Moraes Moreira – Novos  
Baianos*)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 - ECONOMIA SOLIDÁRIA Fortalecimento e expansão da economia solidária.....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 2–Primeiro encontro com a comunidade em 2012.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 3 - Atividade dirigida para as crianças.....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 4 - Mulheres discutindo confecção das bolsas.....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 5 – à direita lembrancinhas confeccionadas com E.V.A, à esquerda momento da palestra dos estudantes. ....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 6 - Faixada da casa do Marcílio, local onde está sendo construído o galpão para as costureiras.....</b>	<b>41</b>

## SUMÁRIO

RESUMO .....	9
APRESENTAÇÃO .....	10
PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO.....	12
MEMORIAL EDUCATIVO.....	13
PARTE II - REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE.....	20
CAPÍTULO I: ECONOMIA SOLIDÁRIA E PEDAGOGIA – POSSIBILIDADES PARA UMA FORMAÇÃO COOPERATIVA E SOLIDÁRIA .....	21
1.1 Economia Solidária como prática pedagógica.....	21
1.2 A Formação da identidade do sujeito na prática pedagógica com a Economia Solidária.....	26
CAPÍTULO 2 - a Experiência Pedagógica na comunidade do Sol Nascente..	31
2.1 Contexto da Pesquisa e Metodologia.....	31
2.2 Reflexões sobre o processo de intervenção pedagógica e a experiência do projeto de Economia Solidária no Sol Nascente.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	45
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXO (S) ** .....	49



## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, traz reflexões e relatos sobre a experiência pedagógica na comunidade do Sol Nascente, situado na cidade de Ceilândia no Distrito Federal. Busca-se de maneira reflexiva e por meio da experiência com a comunidade do Sol Nascente lançar um novo olhar sobre o papel do (a) pedagogo (a) em ambientes não escolares e direcionados para o trabalho.

Partindo da prerrogativa de uma sociedade formulada nos preceitos da economia capitalista em que o modo de produção está pautado no capital humano, faz-se primordial a conscientização e formação crítica dos (as) trabalhadores (as) excluídos pelo sistema econômico regente.

A luz dos teóricos que desenvolvem a Economia Solidária como prática pedagógica e de teóricos conceituados da Educação, a exemplo Paulo Freire, traço reflexões sobre a prática experienciada e busco apresentar o (a) educador (a) como uma figura essencial para contribuir com o processo de transformação e emancipação dos (as) educandos (as), da comunidade e do empreendimento solidário, por meio dos quatro pilares da Economia Solidária (solidariedade, cooperação, autogestão e viabilidade econômica).

Dessa maneira, o referido trabalho propõe a Economia Solidária como uma prática pedagógica e como uma possibilidade para a formação cooperativa e solidária, pois como Moacir Gadotti elucida a Economia Solidária é mais que um modo de produção, é um modo de vida.

**PALAVRAS – CHAVE:** Economia Solidária, Educação Transformadora, Paulo Freire.

## APRESENTAÇÃO

O curso de Pedagogia possui em seu Projeto Acadêmico a criação dos “Projetos Curriculares” que possibilitam a articulação prático-teórica em diferentes contextos institucionais, de maneira a articular às atividades de pesquisa, ensino e extensão. O trabalho a ser apresentado surge do Projeto de Economia Solidária e Educação da Professora Doutora Sonia Marise e de posteriores inquietações desta autora com relação aos moldes da sociedade e educação atuais.

Neste projeto, especificamente, busca-se a formação de um educador (a) baseado na gestão democrática, educação transformadora, solidariedade e cooperação. O projeto desenvolve-se em ambientes de educação, ditos não-formais e está intrinsecamente ligado ao empoderamento do sujeito e/ou trabalhador excluído pelo modo capitalista de trabalho.

Diante de tal prerrogativa este trabalho de conclusão de curso propõe em sua essência a Economia Solidária como prática pedagógica, à medida que há a necessidade de uma formação de educadores e comunidade direcionadas para uma economia humanizada e novos valores político-sociais. Propõe-se também a escuta sensível das vozes da exclusão, e a defesa de uma abordagem histórico-cultural para compreensão dos sujeitos participantes do Projeto de Economia Solidária e Educação.

Dessa maneira a primeira parte do trabalho concerne a trajetória acadêmica e pessoal da autora. O reconhecimento do sujeito que escreve e suas experiências de vida nos leva a compreender a escolha deste tema em detrimento a outros. Neste memorial educativo, busca-se de maneira reflexiva traçar momentos significativos para formação acadêmica e profissional.

A segunda parte intitulada: “Reflexões sobre a experiência Pedagógica na comunidade do Sol Nascente”, procura de maneira clara e reflexiva e por meio de teóricos da temática apresentar a Economia Solidária, os princípios da Economia

Solidária e a Educação como uma possibilidade de *práxis* voltada para a democracia e emancipação de comunidades carentes.

A terceira parte refere-se às “Perspectivas Profissionais” e trata-se de um breve relato das minhas expectativas de atuação profissional como pedagoga e anseios com a Educação.

**PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO**

## MEMORIAL EDUCATIVO

*É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.*

**Clarice Lispector**

Há certa dificuldade em escrever sobre a minha trajetória acadêmica e pessoal. Encontrar palavras e frases capazes de expressar ao interlocutor o aprendizado reunido ao longo de vinte e três anos de existência, trata-se de uma tarefa intensa de procura e significação do que vivi, do que pretendo viver e daquilo que não quero mais para a minha formação.

O dinamismo da vida nos leva a lugares, conhecimentos e experiências imensuráveis que nos constitui humanos e formam parte do que somos. Neste memorial não há um pouco de mim. Há um pouco de todos (as) aqueles (as) que passaram em minha vida, dos lugares que morei e dos conhecimentos que adquiri.

Nasci em Brasília, morei com minha avó e com minha tia durante muitos anos de minha vida. Venho de uma família de quatro irmãs e pais separados. Minha mãe saiu do interior do Tocantins muito nova, para tentar um futuro em Brasília, mas logo conheceu meu pai e como milhares de meninas engravidou cedo e interrompeu os estudos, há pouco mais de um ano minha mãe decidiu voltar a estudar e está fazendo EJA (Educação de Jovens e Adultos) e concluindo o Ensino Médio. Meu pai, ao contrário de minha mãe sempre teve uma família bem estruturada financeiramente, porém não terminou o Ensino Superior por opção, naquele momento de sua vida preferiu dar prioridade a outras atividades.

. O fato de meus pais terem parado os estudos influenciou nossa formação escolar, pois crescemos com a cobrança de terminar os estudos. Do ponto de vista deles, somente, por meio da Educação seríamos “alguém” e mudaríamos o rumo de nossas vidas. Hoje em dia, compreendo em parte a preocupação de meus pais. Em seus livros Paulo Freire já nos alertava para a importância da Educação como ferramenta de transformação da sociedade e da condição social dos sujeitos envolvidos. Outra pessoa que sempre esteve presente na minha trajetória escolar e sempre apoiou e deu suporte para eu chegar ao ensino superior foi minha tia paterna.

Tentarei a partir de agora resgatar, cronologicamente, as memórias da minha trajetória escolar e os momentos marcantes para a minha formação acadêmica. Como sujeito singular que se completa na coletividade há nestas memórias reflexões sobre a minha formação social.

O ensino infantil bem como o ensino fundamental e médio realizei, em grande parte, na cidade de Brasília, com exceção da 6ª série (atualmente trata-se do 7º ano). Neste período estudei na cidade de Anápolis e considero um ano produtivo, mesmo sendo uma cidade relativamente perto de Brasília, vivenciei outra cultura, conheci lugares e pessoas diferentes que sem dúvidas influenciaram em alguns aspectos da minha formação.

Retomando a minha trajetória escolar, entrei para o ensino infantil com mais ou menos 03 anos de idade. Fiz o maternal, depois a pré-escola e posteriormente as séries iniciais. Realizei o maternal em uma escola particular, porém da pré-escola até o ensino fundamental concluí em escolas públicas do Distrito Federal, nesta fase da minha vida tenho poucas, porém boas lembranças.

Lembro-me que eu gostava das professoras e da escola. Ir à escola era algo prazeroso e gratificante tanto que durante este período escolar não apresentei muitas dificuldades no meu desenvolvimento.

Meu relacionamento com as professoras era satisfatório. Não era o tipo de aluna agitada, se havia alguma reclamação em relação ao meu comportamento estava exatamente no meu excesso de “passividade” e timidez em sala de aula. Apesar de ter boa dicção para a leitura oral não me arriscava a ler oralmente e nem a responder os questionamentos feitos pela professora, vejo que até hoje carrego resquícios dessa timidez, porém em menores proporções.

No ensino fundamental, surgiram alguns problemas no meu processo de aprendizagem. A matemática passou, literalmente, a ser um grande problema, pois os conteúdos eram difíceis para assimilar e na maioria das vezes os professores desta disciplina não tinham muita paciência e eu diria até mesmo didática. Vale lembrar que nesta fase escolar nem sempre os profissionais que estão dando aula são formados no curso de Pedagogia, podendo ser esta uma hipótese para tal dificuldade de diálogo e compreensão entre aluno, professor e conteúdo escolar. Uma vez que nos cursos de licenciaturas, especificamente das ciências exatas há

uma ausência de estudo voltado para didática e para a compreensão do aluno como sujeito singular.

Em contrapartida as exatas, mantive uma ótima relação com as disciplinas relacionadas à área de humanas (geografia, história, ciências, português, artes). Tal afinidade perpassou os limites da escola, dos conteúdos e das paredes da sala de aula, pois tive a oportunidade de criar laços de amizade com os meus professores que duram até hoje.

Avançando para o ensino médio, posso afirmar categoricamente que tive os melhores educadores, inclusive nas exatas (física química e matemática). O ensino médio, por uma escolha minha, quis fazer em uma escola particular. Mesmo sendo uma aluna aplicada, na escola pública sentia-me insegura em matemática, achei que não tive um bom ensino nesta área de estudo. As demais disciplinas eu dominava perfeitamente, porém como eu ansiava a universidade pública decidi que o ensino particular naquele momento era a alternativa consciente.

O meu único preparo para o vestibular da Universidade de Brasília, foi aquele feito na escola, não fiz cursinho preparatório e na verdade ingressei na UnB por meio do Programa de Avaliação Seriada (PAS). Cheguei a UnB no primeiro semestre de 2010, este considero um ano de muitas e intensas mudanças, eu acabara de alcançar a maioria, adentrar em um novo contexto escolar e chegado a tão sonhada Universidade Federal.

A escolha e o interesse pelo curso de Pedagogia surgiram inicialmente, pelo fato de ser um curso com uma nota de corte baixo, eu não queria me submeter ao vestibular. Porém com o passar dos semestres criei um interesse profissional e acadêmico pelo curso, a faculdade me proporcionou significativas experiências que me fizeram mudar de opinião em relação à profissão de educador, a educação e o próprio curso.

Mesmo sabendo que a Educação e que o profissional nela inseridos são pouco valorizados e reconhecidos pelo governo e a própria sociedade continuo querendo exercer a profissão de professora.

Dentre uma das experiências que a Pedagogia me proporcionou posso citar as oportunidades de trabalho como as principais. A primeira delas foi em 2010 em

uma brinquedoteca, como recriadora infantil. Neste emprego tive contato com as crianças em um ambiente não escolar, onde o lúdico fazia a imaginação ir além e as incentivava a serem autoras de suas histórias e brincadeiras.

A segunda oportunidade de trabalho deu-se em uma escola de apoio escolar e psicopedagógico. De acordo com o plano de atividades devíamos auxiliar no desenvolvimento dos alunos, na aplicação de tarefas e na coordenação das atividades em classe. A metodologia era diferenciada e voltada para a tríade entre a família, a escola e os pedagogos. O Atendimento aos alunos era individualizado, cada aluno ficava em torno de uma hora/aula comigo e durante este período tirava as suas dúvidas escolares, realizava o dever de casa e principalmente estudava o conteúdo das provas.

Neste estágio pude vivenciar de perto as dificuldades que os alunos têm em sala de aula, pois trabalhávamos com uma diversidade de crianças, havia deficientes intelectuais e físicos, porém, a maioria dos alunos estava diagnosticada por meio de laudos médicos e psicológicos como hiperativos e alguns disléxicos. Percebi o quanto é difícil para estes alunos com dificuldades de aprendizagem ser percebido em uma sala de aula, dessa maneira os mesmos são obrigados a procurarem apoios escolares (reforço) para conseguir alcançar o restante da turma.

Além das oportunidades de trabalho o curso também me proporcionou oportunidades acadêmicas, como por exemplo do Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia (ENEPe), que ocorre todo ano em estados-sede diferentes. O Encontro é um importante espaço de debates sobre Educação, reorganização do Movimento Estudantil de Pedagogia (MEPe) à nível nacional e deliberações para a Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia (ExNEPe) acerca das bandeiras de lutas dos estudantes e de um plano de ação para dar seguimento a elas.

No ENEPe tive a oportunidade de contemplar os eixos de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, participei de diversos seminários relacionados à temática do encontro. Estive presente em Mesas de debate sobre Políticas Públicas para a Educação Básica, Educação a Distância e Tecnologias da Informação e Comunicação; participei de rodas de diálogo sobre as Práticas Pedagógicas Transformadoras. Tais ações contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica, tendo em vista que estar em contato com pessoas diferentes de



diversos estados nos possibilita compreender e debater em conjunto as dificuldades enfrentadas em torno da educação e a realidade educativa de outros estados.

Na Universidade de Brasília me deparei com um universo de possibilidades acadêmicas. No projeto 01 tive o primeiro contato com aquela que seria minha futura incentivadora e orientadora, professora Sonia Marise. Com a mesma rapidez com que aprendia o funcionamento da Universidade, aprendi a reconhecer nesta educadora o tipo de profissional que almejava me tornar.

Minha trajetória na Universidade foi um pouco conturbada, durante um semestre abandonei o curso e entrei em risco de desligamento. Durante o período de dois semestres consecutivos tive que cumprir algumas condições e evitar dessa maneira ser jubilada da Universidade. O fato de ter passado um semestre afastada, implicou no atraso da minha conclusão do curso.

Sabe-se que os Projetos (1,2,3,4,5) são espaços curriculares que permitem ao aluno desenvolver e aplicar teoria e a prática nos espaços escolares formais e não formais, possibilitando vivências e experiências que, somente, a Universidade não sanaria a necessidade.

Ao longo do projeto 02 conheci todas as áreas de atuação para pedagogos, percebi naquele semestre que podíamos ir além da sala de aula e a partir daí surgiram as primeiras ideias de direcionar meus estudos para Educação Popular e não formal.

Os Projetos 03 e 04 constam no currículo do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília como disciplinas obrigatórias em duas fases com a duração de um semestre cada fase, sendo optativa a terceira fase do projeto 3.

Fiz a primeira e segunda fase do projeto 3, e a primeira fase do Projeto 4 com a professora Sônia Marise em um projeto denominado Economia Solidária e Educação em que trabalhamos com desenvolvimento da educação popular com crianças, jovens, adultos e idosos na perspectiva da Economia Solidária em comunidades do entorno de Brasília, especificamente com a comunidade do Sol Nascente.

Quando ingressei no projeto de Economia Solidária, estavam ocorrendo algumas mudanças. A professora Sonia estava com duas novas frentes de trabalho,

uma na comunidade de São Sebastião e outra no Sol Nascente com um grupo de costureiras.

A proposta deste nosso projeto no Sol Nascente, especificamente, estava pautada em trabalhar a politização e os conceitos de Economia Solidária e a mulher na geração de renda solidária com um grupo de costureiras (em geral estas mulheres possuem um perfil parecido, todas tinham uma idade média de 30 a 40 anos, a maioria solteira, possuem no máximo o Ensino Médio, desempregadas e com dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho atual) que anseiam tornar-se uma cooperativa bem articulada e pautada em conceitos de autogestão.

Minha escolha pelo Sol Nascente se deu pelas condições extremamente precárias de vida da população naquela localidade, pela a preocupação com a politização dessas mulheres e principalmente, pela curiosidade de conhecer outra realidade de vida e utilizar a Educação como uma maneira de tornar estas mulheres e os sujeitos, de maneira geral, em transformadores de sua realidade social e capazes de construir suas histórias quebrando os paradigmas da sociedade que visa o capital.

Considero que este projeto de extensão foi de extrema importância para a minha formação, pois além de ter suporte para um estudo teórico aprofundado, a experiência proporcionada pela educação popular é ímpar, uma vez que nos torna engajados no movimento popular e comprometidos com a pedagogia social.

O momento que cheguei a comunidade até a minha saída foram sempre de muito aprendizado e vivências. A realidade daquela população é muito diferente do que encontramos no centro da capital brasileira.

Todos os sábados de encontro com a comunidade ficava a imaginar quais eram as perspectivas de vida e crescimento que um lugar como aquele poderia proporcionar para aqueles sujeitos. Escolas depredadas, casas inacabadas, ausência de saneamento básico, crianças brincando ao lado de lixos acumulado pelas ruas, mulheres em situação de vulnerabilidade, insegurança, jovens e adultos envolvidos com tráfico de drogas e eu a me perguntar como fazer aquelas pessoas acreditarem em uma nova economia, faze-los acreditar que podem mudar sua realidade e que a Educação é a “arma” que necessitam para promover tais transformações.

Além dos Projetos Acadêmicos, tiveram outras disciplinas do currículo do curso de Pedagogia que foram essenciais para a minha formação na Educação Popular e Solidária. Dou destaque para as seguintes disciplinas: “Sociologia da Educação”, “Educação de Adultos”, “Psicologia da Educação” e “Filosofia da Educação”.

Mais uma vez ao lado da minha orientadora, professora Sonia Marise cursei “Sociologia da Educação” que de acordo com a ementa o objetivo principal da disciplina é apresentar a educação como um processo social.

Em “Educação de Adultos” tive de fato um dos meus primeiros contatos com a Educação Popular, nesta disciplina nós iniciamos o processo de alfabetização de um casal de idosos. Pautados no método de Paulo Freire, tentamos acima de tudo dar para aquele casal autonomia. Autonomia para pegar um ônibus, escolher uma comida no cardápio e lutarem pelos direitos.

Psicologia da Educação fez que enquanto educadora, percebesse nos meus alunos sujeitos singulares e com potencial para crescerem. E compreender as diversidades cognitivas existentes na educação. Não basta apreender, somente o processo social pelos quais estes estudantes foram submetidos precisamos ir além e procurar explicações para sua constituição social no dito processo.

Enfim, neste momento chego ao fim do meu relato de memórias com a certeza de que até aqui vivi muitas experiências e certa de que virão muitas outras pela frente. Novos desafios, conhecimentos e propostas são o que me movem.

Esse conjunto de experiências acadêmicas me proporcionou a condição de optar por uma reflexão mais aprofundada no campo da Economia Solidária compreendendo a importância do pedagogo nesse processo.

**PARTE II - REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA  
COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

## **CAPÍTULO I: ECONOMIA SOLIDÁRIA E PEDAGOGIA – POSSIBILIDADES PARA UMA FORMAÇÃO COOPERATIVA E SOLIDÁRIA**

Busca-se apresentar no campo da Economia Solidária um conjunto de reflexões que contribuíram para qualificar a minha prática pedagógica com a comunidade do Sol Nascente.

### **1.1 Economia Solidária como prática pedagógica**

Desde a antiguidade aos nossos dias a história da Educação se entrelaça à história do trabalho e das relações sociais pertinentes a qualquer processo civilizatório. Houve um tempo em que a cooperação e solidariedade eram essenciais para o sucesso no trabalho, a exemplo disto temos as sociedades pré-modernas em que o trabalho da caça dependia, em suma, da cooperação e solidariedade grupal.

Com o advento do modo de produção capitalista, elementos como a solidariedade e cooperação foram depreciados. A respeito do capitalismo Paul Singer, afirma que:

“A pedra do toque do capitalismo é a propriedade privada dos meios de produção, mas não de qualquer meio de produção. Trata-se especificamente dos meios “sociais” de produção, ou seja, dos que só podem ser operados coletivamente”. (SINGER, 2005, p. 13).

Dessa maneira a Economia Solidária surge como “um modo de produção ideado para superar o capitalismo” (SINGER, 2005, p.13). Produtores que trabalham de maneira autogestionária buscam por meio da cooperação e solidariedade o sucesso igualitário, portanto encaixam-se nos pequenos grupos de Economia Solidária e buscam a superação do *modus operandi* do sistema capitalista, o qual seleciona e exclui aqueles que não possuem meios próprios de produção.

A Economia Solidária difere-se da Economia Capitalista quanto aos meios sociais de produção (privado *versus* coletivo); interesses; direitos de decisão e relações sociais de produção. Em empreendimentos de caráter solidário todos os “empregados” são, concomitantemente, empregadores e participam de todos os processos políticos, sociais e financeiros que se referem a empresa solidária desde os lucros até os possíveis prejuízos. Trata-se de um processo complexo, pois as

decisões não são verticalizadas e dependem da participação e concordância de todos os trabalhadores da empresa solidária.

A Economia Solidária surge como desafio pedagógico à medida que se faz necessária a reeducação da sociedade para um sistema cooperativo, autogestionário e solidário. Com relação a essa reeducação coletiva, Paul Singer (2005) destaca que:

“[...] representa um desafio pedagógico, pois se trata de passar a cada membro do grupo outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre sócios, para que a Economia Solidária dê resultados almejados. Essa visão não pode ser formulada e transmitida em termos teóricos, mas apenas em linhas gerais e abstratas. O verdadeiro aprendizado dá-se com a prática, pois o comportamento econômico solidário só existe quando é recíproco.” (SINGER, 2005, p. 16).

Adiante, ao longo do relato de experiência com o grupo de mulheres da comunidade do Sol Nascente, tal dificuldade para a reeducação coletiva fez-se presente no projeto de Economia Solidária e Educação. Tendo em vista que as mulheres até então não se mobilizavam e mantinham-se à espera de decisões verticalizadas por um ou dois representantes do empreendimento. A novidade de uma Economia em que todos (as) são responsáveis e seres atuantes nas decisões da empresa contou, inicialmente, com objeções na assimilação de tal visão econômica.

A Economia Solidária é recente na economia brasileira, no ano de 2011 o Governo Federal lançou o Plano Brasil sem Miséria (BSM), o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, responsável pela formulação da referida política pública destaca os objetivos do Plano como:

“[...] de superar a extrema pobreza até o final de 2014. O Plano se organiza em três eixos: um de garantia de renda, para alívio imediato da situação de extrema pobreza; outro de acesso a serviços públicos, para melhorar as condições de educação, saúde e cidadania das famílias; e um terceiro de inclusão produtiva, para aumentar as capacidades e as oportunidades de trabalho e renda entre as famílias mais pobres.” BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Em geral os empreendedores deste tipo de economia são pessoas que por diversos fatores (idade, doenças, qualificação profissional, oportunidades),

encontram-se excluídos(as) do mercado de trabalho capitalista e buscam, juntamente, com outros pares uma maneira de superarem suas crises financeiras e encaixam-se no terceiro objetivo do Plano Brasil sem Miséria (BSM) do Governo Federal.

Mesmo que de uma forma singela o Brasil tem demonstrando seu interesse e a importância dos empreendimentos solidários e cooperativos para o sucesso social e econômico brasileiro. Em quatro anos o Plano alcançou boas estimativas na inclusão produtiva por meio da Economia Solidária, conforme especificado no caderno de resultados 2011-2014 do Brasil Sem Miséria, Figura1:

**Figura 1 - ECONOMIA SOLIDÁRIA Fortalecimento e expansão da economia solidária**



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Ano: outubro de 2014.

Diante da realidade do crescimento e fortalecimento da Economia Solidária no Brasil, emerge a problemática de como gerenciar e operar este tipo de empreendimento. Neste momento, surge a figura do educador/pedagogo como aquele capaz de propiciar condições para o aprendizado significativo e

conhecimentos teóricos necessários para o desenvolvimento de tal economia. A respeito de como dar-se-á relação pedagogo (a) – aluno (a) Paulo Freire destaca que:

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém.” (FREIRE, 1996, p.23).

Partindo do pressuposto de que a Economia Solidária surge como uma maneira de contestar o que está posto pela lógica de mercado capitalista e excludente, esta conjuntura de economia pautada na autogestão, liberdade de expressão, solidariedade e cooperação segundo Moacir Gadotti (2009, p. 24) está intrinsecamente ligada à educação transformadora, antes mencionada por Paulo Freire.

A Educação, antes de tudo deve estar alinhada com as diversas manifestações sociais, culturais e trabalhistas que compõe a sociedade. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/1996 em seu Art. 1º conceitua e classifica a Educação da seguinte maneira:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996).

Em seu segundo parágrafo a LDB apresenta a educação escolar como uma possibilidade para o vínculo do mundo do trabalho e à prática social. Dessa maneira projetos como o de Economia Solidária contribuem significativamente para a formação e posterior enriquecimento da prática pedagógica de educadores (as) mais humanizados e preocupados com questões sociais e uma educação transformadora.

Tendo em vista que a Educação se faz presente nas relações sociais a Economia Solidária faz-se prática pedagógica à medida que reeduca a sociedade para novos valores políticos, sociais e econômicos e em contrapartida propicia o



contato com o outro e o embate de ideias de maneira democrática (GADOTTI, 2009, p.23). A respeito da Economia Solidária como prática pedagógica Paul Singer afirma que:

“A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática.” (SINGER, 2005, p. 19).

A Economia Solidária surge como uma “válvula de escape”, uma nova forma de ver o mercado de trabalho e as relações sociais de maneira mais afetiva, solidária e cooperativa em oposição ao sistema excludente e opressor que vivemos há anos. Tendo em vista, tal preceito a Economia Solidária faz-se prática pedagógica que exige uma formação específica, reflexão e sistematização de tal. A respeito, Moacir Gadotti ressalta que:

“Deve-se reconhecer e valorizar os saberes dos educandos. Nesse sentido, deve-se dar destaque a **conteúdos** básicos dessa formação, relacionando-os com a cultura acumulada pelos empreendimentos solidários no campo da gestão democrática, no campo da constituição de redes e cooperativas, da participação cidadã e do trabalho emancipatório, dos direitos sociais e trabalhistas e da autogestão. Os conteúdos da formação devem estar relacionados com as experiências vividas de autogestão. É dessas experiências concretas que devemos tirar as “lições” de formação em autogestão. Conhecer as **experiências concretas** de construção de redes autogestionárias deve fazer parte de qualquer programa de formação social e profissional em economia solidária.” (GADOTTI, 2009, p.49).

O reconhecimento das experiências concretas a que Gadotti refere-se serão essenciais, posteriormente, para a formação da identidade do sujeito com a Economia Solidária. É necessário a valorização da prática, a apreciação das experiências vividas pelos educandos e /ou trabalhadores associados.

## 1.2 A Formação da identidade do sujeito na prática pedagógica com a Economia Solidária

A questão em torno da identidade do sujeito está localizada no âmago de uma Educação direcionada para os princípios da prática libertadora. Não podemos prescindir da necessidade de conhecer o sujeito, suas vontades, suas experiências, relações com o outro, visão de mundo e os grupos com os quais se identifica na sociedade.

Antes de iniciar as reflexões e discussões acerca do processo de formação da identidade do sujeito faz-se necessário a definição de *identidade*. É essencial que o (a) leitor (a) compreenda ao que se refere o conceito aqui apresentado e abordado.

Assuntos como identidade, diferenças, e representações sociais estão em constante debate. Com o advento da globalização e das mudanças na forma de se relacionar uns com os outros, questões tangentes à formação da identidade tornaram-se mais complexas e recorrentes no meio acadêmico e, principalmente, na Educação.

(Re) conhecer o sujeito que se constitui em meio social, com vivências particulares e buscar compreender suas relações sociais e a maneira como se apropriam dos sentidos e significados indentitários, trata-se de um desenvolvimento contínuo e caótico. A respeito do conceito de identidade:

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p. 78).

Cássia Eugênia Cardoso e Avanete Pereira Sousa (2012) contribuem para as discussões e conceituações de identidade à medida que destacam seu caráter atemporal e sua influência para constituição do sujeito, dessa maneira as autoras acrescentam que:

“Por ser formada historicamente, a identidade, incorpora o passado e o futuro no processo de negociação com o presente, selecionando o que contribui e o que passa a ser marginal na sua constituição. Cada comunidade ou grupo tornam-se campos onde o indivíduo pode interagir e experimentar, afetar e ser afetado, constituir signos e se reconhecer no objeto é ser nele reconhecido dialogicamente.” (CARDOSO e SOUSA, 2012, p.158).

Por ser um processo histórico-cultural a formação da identidade do sujeito em uma nova perspectiva econômica e de vida trata-se de uma dificuldade, uma vez que a sociedade está totalmente baseada em princípios da Economia Capitalista e valores tangentes ao lucro e mercantilização.

As dificuldades para manter um grupo solidário e cooperativo inicia-se, justamente, no contexto histórico-cultural que está inserida e nas barreiras burocráticas da economia vigente, que dificultam a ascensão de cooperativas, formadas essencialmente por pessoas com baixa-renda. As políticas públicas brasileiras e internacionais ainda são escassas para grupos solidários e cooperativos.

Em grupos ou comunidades de caráter solidário, como é caso das mulheres do Sol Nascente, a formação da identidade está direcionada para uma convivência social mais afetiva, preocupada com os direitos dos cidadãos e principalmente com o reconhecimento por parte do sujeito de sua atuação e importância para aquele grupo-comunidade. Não há Economia Solidária sem engajamento, para alcançar tal premissa é necessário que cada integrante da EcoSol atribua seus signos e significados às ações realizadas no empreendimento.

“A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da *assunção* do sujeito é incompatível com o *treinamento pragmático* ou com o *elitismo autoritário* dos que se pensam donos da verdade e do *saber articulado*”. (FREIRE, 1996, p.42).

Atualmente, a constante imposição do individualismo como filosofia de vida no cotidiano de milhares de cidadãos e a apatia pelas necessidades da (o) outra (o) e a banalização da vida humana são considerados princípios de sobrevivência. Tal ideia é reforçada diariamente pela grande mídia e todas suas manifestações que, com efeito, mostram um mundo diferente do real. Um mundo onde todas e todos são

iguais em direito e oportunidade. A respeito das questões de desigualdade Boaventura (1977) destaca que:

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (BOAVENTURA, 1997)

Nesse contexto, a Economia Solidária surge como uma alternativa onde a cooperação e o coletivismo se apresentam como valores fundamentais para desmistificar a desigualdade e promover a igualdade de oportunidades.

A formação da identidade e subjetividade na Economia Solidária abraça integralmente o processo de assumir-se enquanto sujeito dotado de experiências, necessidades, criticidade e capaz de libertar-se para as infinitas possibilidades de interpretações do Outro.

Tendo em vista que o público-alvo dos empreendimentos de Economia Solidária são, em sua maioria, compostos por trabalhadores (as), excluídos do mercado de trabalho e ditos “desqualificados” para o sistema capitalista, faz-se necessário em suas formações o reconhecimento das respectivas identidades. O(a) educador(a) deve antes de tudo preocupar-se com o sujeito, com o reconhecimento das trajetórias de vida dos(as) seus alunos(as). Segundo Paulo Freire (1996)

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu “*eu*”. (FREIRE, 1996, p.41).

Em processos de formação da identidade do grupo e do sujeito a utilização das narrativas são meios concretos de promover o questionamento crítico. Ao contrário do que o senso comum imagina, as narrativas das trajetórias de vida são mais que meros devaneios, por meio destas promove-se o autoconhecimento, a reflexão da “outredade”, do “não eu”, do “eu” e do “tu” os quais Paulo Freire referia-

se para o ensino. A respeito das trajetórias de vida e do sentido que assumem na construção da identidade e subjetividade do sujeito, a autora Beatriz Judith Lima Scoz (2011), afirma que:

“A subjetividade e identidade podem ser compreendidas como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, são o resultado de complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão”. (SCOZ, 2011).

Ainda sobre a questão de “assumir-se”, Sonia Kruppa (2005) acrescenta que:

“Assumir-se como sujeito exige recuperar a fala, que reproduz o conhecido, e o ato de nomear, que elabora novos conhecimentos. Falar e nomear são prerrogativas da condição humana. Propor alternativas ao vivido requer que a fala defina o contorno e o limite do vivido. A realidade do que sou contém uma dimensão de possibilidade, um vir a ser que me nega e ao negar-me, permite-me conhecer um outro vivido” (KRUPPA, 2005, p. 26)

Ao trabalhar os quatro pilares da Economia Solidária: solidariedade, cooperação, autogestão e viabilidade econômica busca-se de maneira direcionada à formação de uma identidade e subjetividade baseadas em um sistema econômico cooperativo, solidário e mais humanizado uma vez que o contato e o pertencimento identitários são fundamentais para este tipo de economia que se opõe ao individualismo e o despertencimento típicos do sistema capitalista. Para gerir seus empreendimentos os empreendedores devem assumir uma nova e/ou outra identidade voltada para o coletivismo, autogestão e democracia.

Na construção de suas subjetividades o indivíduo constrói e reconstrói diariamente na prática solidária e cooperativa uma identidade que não pertence somente a ele, mas a um grupo.

Em uma sociedade em que grandes empresas, indústrias e mídias detém lucros exorbitantes sobre os modos de produção, valores simples como solidariedade, cooperação e o processo de escolhas democráticas são excluídos da formação dos sujeitos. Como resultado são produzidos meros objetos oprimidos, apáticos e alienados perante os fatos sociais, políticos e econômicos da sociedade que vivem.

A proposta de uma prática econômica da solidariedade, da cooperação, preocupada com o sujeito e com os princípios sociais e inserida em um modo de produção capitalista em que a relação do mercado baseia-se na competitividade, causa certa inquietação e diversos impasses na formação das cooperativas de cunho solidário. Pois se os indivíduos não estiverem bem esclarecidos quanto a proposta da Economia Solidária e conscientes de seus respectivos papéis para manutenção e continuação das redes solidárias, as dificuldades para o sucesso do empreendimento só aumentam.

Diante destes conflitos e paradoxos advindos do confronto Economia Solidária *versus* Economia Capitalista, uma vez que dividem o mesmo espaço-tempo na sociedade faz-se necessário por parte do grupo empreendedor a formação de uma identidade consolidada e instruída das metodologias típicas do sistema solidário e cooperativo. A respeito da metodologia na Economia Solidária Sonia Kruppa, ressalta que:

“É por isso que, na formação de grupos cooperados, são tão importantes três perguntas: o que cada membro do grupo faz, o que eles sabem fazer e o que eles gostariam de fazer juntos. Essas perguntas abrem espaço para a fala sobre o vivido e sobre a realidade, tal como é percebida coletivamente pelo grupo, mas, principalmente, abre espaço para nomear as novas alternativas, que podem, assim, ser concebidas. A Economia Solidária pretende uma mudança de qualidade e de postura do sujeito diante da vida e da organização da sociedade.” (KRUPPA, 2005, p. 26-27)

Portanto, a formação da identidade do sujeito e do grupo solidário e cooperativo são compreendidas neste relato de experiência com a comunidade do Sol Nascente em Ceilândia como um processo histórico, cultural, social e subjetivo. Histórico e cultural a medida que fazem oposição a Economia Capitalista e aos valores culturais que está dita para os indivíduos ao longo de décadas. Social pois se constitui em grupo-sociedade-comunidade e em contrapartida subjetivo, pois as experiências e valores de cada indivíduo, em sua singularidade, influenciam direta e indiretamente a constituição da identidade.

## **CAPÍTULO 2 - A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

Ao longo deste capítulo, especificamente, busca-se de maneira reflexiva por meio de fotos, diários de bordo e relatórios realizados/coletados ao longo de dois anos de pesquisa-ação no Sol Nascente delinear os momentos históricos, destacar as mudanças ocorridas e as dificuldades enfrentadas no processo de formação político-social dos seres éticos. Concomitantemente a análise, refletir sobre as possíveis contribuições do Pedagogo para a Economia Solidária.

### **2.1 Contexto da Pesquisa e Metodologia**

O projeto de Economia Solidária e Educação surgiu em 2003, para contemplar uma das diretrizes do currículo do curso de Pedagogia que incentiva a formação de educadores e pedagogos em diferentes espaços de atuação. Tendo em vista que a Educação perpassa todos as relações sociais o pedagogo, conseqüentemente, tem a oportunidade de desenvolver-se de variadas maneiras para além da sala de aula, ou espaço escolar formal.

Por meio das atividades, dos encontros com os empreendimentos econômicos solidários, gestores públicos, entidades de apoio e fomento e de pesquisas realizadas por estudiosos do tema, futuros educadores são capazes de estender o exercício da *práxis* e da pedagogia do engajamento, essenciais para o fortalecimento e sucesso do projeto de Economia Solidária e Educação.

O projeto contempla teoria e prática de forma interdependente. Aos sábados os grupos de trabalho da Universidade de Brasília e a comunidade planejam, refletem, discutem e colocam em prática as atividades idealizadas e pautadas nos quatro pilares da Economia Solidária (solidariedade, cooperação, autogestão e viabilidade econômica). Há encontros presenciais e não presenciais para a realização de atividades teóricas via plataforma Moodle, bem como a socialização dos diários de bordo e fóruns de discussão para o compartilhamento das experiências de campo.

O estudo foi realizado durante três semestres (um ano e meio) na Comunidade do Sol Nascente, na cidade de Ceilândia. Trata-se de um estudo de

pesquisa-ação contando com a participação dos estudantes do projeto de Economia Solidária, coordenado pela professora Sonia Marise e comunidade.

Em um projeto de Educação Popular, como é o de Economia Solidária e Educação, a pesquisa-ação torna-se para o educador (a) um método fundamental para proporcionar o processo de reflexão-ação-reflexão a que Paulo Freire referia-se em seus estudos. Segundo Freire, no momento da prática/ação o educador (a) é capaz de refletir sobre suas atitudes e buscar mudanças necessárias e significativas para sua formação acadêmica e pessoal.

A pesquisa-ação possui muitas definições que foram elaboradas conforme as mudanças ocorridas nas Ciências Sociais e na sociedade, de maneira geral, porém dentre suas definições possíveis Thiollent destaca:

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (THIOLLENT, 1947, p. 20).

Conforme destacado por Michel Thiollent (1947), busca-se na pesquisa-ação que participantes e pesquisadores desempenhem um papel ativo e reflexivo no esclarecimento dos problemas da situação observada. Em detrimento a pesquisa convencional que mantém suas premissas no positivismo e preza pelas exigências metodológicas, resultados e a isenção do observador na pesquisa. A respeito das diferenças entre pesquisa convencional e pesquisa-ação, Thiollent afirma que:

“Numa pesquisa convencional não há participação dos pesquisadores junto com os usuários ou pessoas da situação observada. Além disso, sempre há uma grande distância entre os resultados de uma pesquisa convencional e as possíveis decisões ou ações decorrentes. Em geral tal tipo de pesquisa se insere no funcionamento burocrático das instituições. Os usuários não são considerados como atores. Ao nível da pesquisa, o usuário é mero informante, e ao nível da ação ele é mero executor. Esta concepção é incompatível com a da pesquisa-ação, sempre pressupondo participação e ação efetiva dos interessados.” (THIOLLENT, 1947, p. 25).



Cabe ressaltar que bem como todo e qualquer método, a pesquisa-ação ainda possui suas lacunas para os estudos das Ciências Sociais, mas não há como ignorar os avanços que ao longo dos anos proporcionou para as pesquisas da área das Humanas.

Participaram deste estudo/projeto estudantes de diversos cursos (destacam-se os cursos de contabilidade, pedagogia e letras) da Universidade de Brasília – UnB e um grupo de 10 a 15 mulheres artesãs e costureiras do Sol Nascente com média de idade de 40 anos.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram os diários de campo e a elaboração de relatórios mensais e um relatório final ao término do semestre. Os objetivos principais dos diários de campo estavam pautados em nos apoiar na descrição e registro das experiências compartilhadas em cada encontro com a comunidade. E dos relatórios em unir todos os diários de campo e refletir a luz de teóricos sobre as ações das situações observadas ao decorrer do projeto.

Com relação aos instrumentos de pesquisa, na pesquisa-ação René Barbier (2007) destaca que:

“[...] é criada uma situação de dinâmica social radicalmente diferente daquela da pesquisa tradicional. O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e aos membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores. A pesquisa-ação utiliza os instrumentos tradicionais da pesquisa em Ciências Sociais, mas adota ou inventa novos.” (BARBIER, 2007, p. 56).

Uma das vantagens de desenvolver um trabalho acadêmico utilizando a pesquisa-ação está na autonomia do pesquisador para adaptar os instrumentos tradicionais de pesquisa e/ou re-inventá-los, pois partindo do pressuposto de que as pesquisas são feitas pelos participantes e pesquisadores depreendem-se que estas diferem umas das outras e, na maioria das vezes, exigem abordagem diferenciadas.

## **2.2 Reflexões sobre o processo de intervenção pedagógica e a experiência do projeto de Economia Solidária no Sol Nascente**

Nas reflexões sobre o processo de intervenção pedagógica estão descritos os encontros e os contatos que tivemos com a comunidade de Sol Nascente esta, por sua vez, trata-se de uma comunidade distante do centro urbano e muito carente de recursos financeiros governamentais, possui uma comunidade marcada pela simplicidade e humildade.

Segundos dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a comunidade do Sol Nascente conta com 56.483 moradores, distribuídos em 15.737 domicílios. Trata-se da segunda maior favela do Brasil, ficando atrás, apenas da favela Rocinha, no Rio de Janeiro. Na condição de periferia os problemas com saneamento básico, saúde, coleta de lixo, ocupação irregular, escolas, riscos de desabamentos e enchentes são constantes devido ao crescimento da população na região. Porém as oportunidades de melhoria de vida são escassas.

A participação no Projeto de Economia Solidária e Educação da Faculdade de Educação e coordenado pela Professora Doutora Sonia Marise Salles de Carvalho, iniciou-se em 2012. Neste mesmo ano surgiu uma nova frente de trabalho, na comunidade do Sol Nascente - Ceilândia.

Em busca de experiências inovadoras e autônomas estudantes dos mais diversos cursos procuram o projeto. Dessa maneira, partindo do pressuposto de que na prática pedagógica os sujeitos são históricos, social e culturalmente situados, há preocupação em ressaltar os momentos históricos do projeto de Economia Solidária no Sol Nascente – Ceilândia, afim de compreender as experiências compartilhadas por educandos e comunidade. A respeito da constituição do sujeito, Paulo Freire afirmou

Mulheres e homens, seres históricos-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fazemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. (FREIRE, 1996, p.33)

Reconstituir e preservar os fatos históricos nos auxilia na percepção da atual conjuntura do projeto. Ou seja, compreendendo o que ocorreu no passado os sujeitos são capazes de planejar o futuro.

Os encontros e idas ao Sol Nascente eram realizados aos sábados no período da manhã, a Universidade de Brasília disponibilizava o meio de transporte e o motorista. No ano correspondente a 2012 íamos em uma pequena van com capacidade para até 25 pessoas, pois como o projeto na comunidade do Sol Nascente era pioneiro poucos estudantes quiseram se arriscar a começar algo novo, uma vez que havia uma frente de trabalho estruturada na cidade de Santa Maria – DF.

Para compreender as experiências compartilhadas no projeto e a maneira como chegamos a comunidade, faz-se necessário a apresentação de alguns sujeitos importantes nessa mediação e o primeiro deles é sem dúvidas, Marcílio.

José<sup>1</sup>, pai de três filhos, casado com Dona Maria<sup>2</sup>, artesão, costureiro, funcionário da Universidade de Brasília e figura atuante na comunidade do Sol Nascente reuniram de maneira autônoma um grupo de mulheres daquela localidade para ensiná-las atividades pertinentes a corte e costura e dessa maneira serem capazes de juntos se qualificarem, trocarem experiências e gerar renda para suas respectivas famílias.

Neste momento, apresento os demais sujeitos dessa história: as mulheres da comunidade. Mulheres estas que em sua maioria possuem uma média de idade de 40 anos, donas de casa, mães, dependentes de outras pessoas para sobreviver (esposo, filhos, comunidade, igreja, governo), ditas “desqualificadas” frente as exigências do mercado de trabalho capitalista, pontualmente marginalizadas pelo gênero, baixa escolaridade e desacreditadas de que poderiam atuar e serem independentes em uma sociedade tão cruel com aqueles que tiveram menos oportunidades na vida.

Aprender a cortar, costurar e customizar roupas, para estas mulheres era muito mais que a mera aquisição de novas habilidades manuais. Em meio a tesouras, agulhas e linhas estavam à oportunidade de juntar e costurar os retalhos

---

<sup>1</sup> Nome Fictício.

<sup>2</sup> Nome Fictício.

da vida e assim traçar um novo rumo em que elas estariam livres para fazer suas escolhas. Sobre o processo de libertação dos (as) oprimidos (as) Paulo Freire nos instiga a refletir em relação a sociedade opressora

Quem, melhor que os oprimidos se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 1997, p.42)

Diante desta realidade injusta para uma pequena parcela da sociedade, a prática da Economia Solidária aparece como um meio capaz de incitar nos oprimidos o desejo de lutar pela liberdade e autonomia. Tendo em vista que por meio dela os sujeitos aprendem novos valores, que em muito se diferem dos que são cultuados no sistema capitalista; este tipo de economia Segundo Gadotti “está estreitamente ligada à educação transformadora e à democracia econômica”.

José nos relata que começou o grupo de costura com as mulheres em um pequeno cômodo de sua casa, com materiais e máquinas de costuras compradas com suas economias. Como no começo havia poucas mulheres o espaço era suficiente, porém logo a novidade se espalhou pelo Sol Nascente e o grupo recebeu novas interessadas. Com a necessidade de ampliar o local de trabalho e aprendizagem, José procurou o apoio da Escola Classe, onde o diretor disponibilizava algumas salas de aula para o desenvolvimento das atividades.

Neste mesmo ano em que José e as mulheres se alocaram na Escola, o grupo de pesquisa da Universidade de Brasília iniciou as intervenções pedagógicas na localidade, mediatizados pelos pilares da Economia Solidária e orientados pela professora Sônia Marise. Buscava-se um modo de produção contrário ao proposto pelo sistema capitalista.

Desse modo, destaca e compreende-se, nesta comunidade, a Economia Solidária como um

Modo de produção que tornasse impossível a divisão da sociedade em uma classe proprietária dominante e uma classe sem propriedade subalterna. Sua pedra de toque é a propriedade coletiva dos meios sociais de produção (além da união em associações ou

cooperativas dos pequenos produtores). Na empresa solidária, todos que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, têm os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino. E todos os que detêm a propriedade da empresa necessariamente trabalham nela. (SINGER, 2005, p.14)

Nesse processo de conhecimento da comunidade contamos com a ajuda da aluna Maria<sup>3</sup>, que participava do projeto e em razão de morar na Ceilândia e perto da comunidade do Sol Nascente já estava bem habituada com José e com o grupo de mulheres. Porém mesmo com a mediação da estudante, as orientações da professora Sônia e o desejo de mudanças de ambas as partes, o começo do projeto foi um choque de culturas.

Conhecer o outro, a sua realidade, aprender a ouvi-lo e despir-se de pré-conceitos não é uma tarefa fácil. Estamos acostumados a viver em nossos “mundos” e nos esquecemos ou até mesmo evitamos o contato com o novo e o estranho torna-se repulsivo. A relação com o trabalho não se difere em nada das relações corriqueiras que estabelecemos, no projeto de Economia Solidária a dificuldade de se relacionar com o outro se refletiu no processo de autogestão a cada decisão do grupo de estudantes da Universidade e do grupo de mulheres. A respeito da autogestão e das dificuldades peculiares em empreendimentos solidários José Ricardo Taulie e Huberlan Rodrigues destacam que:

“A primeira e mais básica delas é o trabalhador não conseguir se ver, se sentir como empreendedor, dono do e responsável pelo negócio; perceber que não sendo mais meramente um empregado deve desapegar-se do salário enquanto real, pois agora tem direito a uma remuneração por sua atividade na forma de retirada, já que o negócio é seu, além do mais, muda sua função econômica, agora como proprietário do empreendimento, o que dá direito igualmente também a participar nos seus resultados positivos, nos seus lucros ou sobras; por tudo isso deve ter o maior interesse em que o processo de produção no qual está inserido funcione da melhor maneira possível.” (TAULIE e RODRIGUES, 2004, p.40).

Após os impactos dos primeiros encontros o projeto começou a desenvolver-se dentro dos moldes da Economia Solidária, porém em determinado momento da trajetória, os estudantes, perceberam que a quantidade de mulheres que estavam frequentando o projeto já não era mais a mesma e que havia certa dificuldade de

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

todas se sentirem sujeitas ativas no processo de tomada de decisões do grupo. Estavam sempre dependendo e esperando as decisões do Marcílio.

Para o primeiro semestre de 2013, um dos objetivos gerais era a politização dessas mulheres e trabalhar pontualmente o princípio de autogestão no grupo. Agora com um número de estudantes que somavam 40 a 50 alunos, surgiram os Grupos de Trabalhos (GT's) com o intuito de facilitar a organização do projeto e evitar que o trabalho ficasse centralizado em uma parte dos estudantes.

**Figura 2–Primeiro encontro com a comunidade em 2012.**



**Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2013. Sol Nascente – Ceilândia.**

Embasados nas demandas da comunidade e dos sujeitos atuantes no projeto formaram-se três pequenos grupos denominados: de costura, reciclagem e o das crianças. O grupo de trabalho das crianças surgiu da necessidade que as mães tinham de ir para o projeto e deixar seus filhos com alguém e em contrapartida para os pedagogos e licenciados a motivação estava pautada na vivência e experiência com os educandos.

**Figura 3 - Atividade dirigida para as crianças.**



**Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2013. Sol Nascente – Ceilândia.**

O GT da costura e da reciclagem trabalhavam de maneira conjunta apesar de estarem separados pela divisão dos grupos. Ambos tinham como objetivos proporcionar experiências de politização, emancipação e conscientização dos sujeitos por meio de oficinas de habilidades manuais que estavam ligadas as práticas de artesanato, reutilização de materiais, costura, customização de roupas. A fundamentação teórica que nos dava suporte e orientações para elaborar as oficinas eram os pilares da Economia Solidária: autogestão, cooperação, solidariedade e viabilidade econômica.

Em 2013 as primeiras oficinas desenvolvidas com as mulheres foram as de artesanato e costura.

**Figura 4 - Mulheres discutindo confecção das bolsas.**



**Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2013. Sol Nascente – Ceilândia.**

Além das oficinas de corte e costura os estudantes conduziram pessoas capacitadas para ensinar as mulheres a confeccionarem lembrancinhas com materiais de E.V.A (Etil Vinil Acetato), estudantes das Ciências Contábeis deram palestras sobre como agregar valor monetário a suas criações e noções básicas do mercado financeiro. Por meio destas pequenas intervenções no trabalho manual dos integrantes da comunidade instruíamos a população para seus direitos, deveres e esclarecimentos sobre o trabalho que estavam desenvolvendo.

**Figura 5 – à direita lembrancinhas confeccionadas com E.V.A, à esquerda momento da palestra dos estudantes.**



**Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2013. Sol Nascente – Ceilândia.**

Durante este semestre houve alguns desentendimentos com outros estudantes de cursos externos a Pedagogia. Trabalhar a participação de todos, a autogestão, cooperação e solidariedade com a comunidade era uma atividade complexa. Perceber que cada pessoa é um universo, com cultura, pensamentos e vontades diferentes das nossas dificulta o processo democrático e ao mesmo tempo enobrece as experiências e vivências.

“A participação é decisiva na constituição de um cidadão; da democracia política e econômica; do saber; das relações de poder e na construção e exercício de falar e ser ouvido. Não olvidado, mas escutado. E também da recíproca escutar/ouvir a fala do outro. Mesmo porque, não se tem democracia sem reciprocidade. ”  
(HILÁRIO, 2011, p.14)



Nem mesmo o fim do semestre na Universidade de Brasília e a chegada das férias escolares não pararam o trabalho que estava sendo desenvolvido com as mulheres da comunidade do Sol Nascente. Durante este período elas continuaram a confecção das bolsas.

A Escola Classe passou por processo eleitoral e uma nova diretora assumiu a administração da escola. Como a escola trata-se de um espaço de vivência da comunidade muitas outras atividades ocorriam aos sábados: ações voluntárias, aulas de esporte, discursos de candidatos as eleições de 2014. Dessa forma emergia a necessidade do início do projeto, de um espaço em que as mulheres pudessem frequentar e realizar seus trabalhos manuais para geração de renda.

Tendo em vista tal dificuldade e a recusa da direção da Escola Classe de Ceilândia em ceder o espaço para a continuação das oficinas, estudantes do projeto uniram-se e conseguiram um *tablet* como doação. Posteriormente, elaboraram rifas para arrecadar fundos e assim erguer um pequeno Galpão na casa do José. Galpão este, que as mulheres comparecerão para desenvolver seus respectivos trabalhos.

**Figura 6 - Faixada da casa do José, local onde está sendo construído o galpão para as costureiras.**



**Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2014. Sol Nascente – Ceilândia.**

No segundo período de 2014 retornei para dar continuidade às atividades que estavam sendo desenvolvidas na comunidade, porém deparei-me com estudantes insatisfeitos com o projeto das mulheres e do José, alegavam que a comunidade

não estava comparecendo e que a falta de um espaço para realizar as atividades dificultava o processo de aprendizagem e implementação da Economia Solidária.

Dessa maneira, optamos por apenas uma pequena parcela de estudantes permanecer com o grupo de mulheres e fortalecer o movimento social. Além disso buscamos alternativas capazes de solucionar os problemas de infraestrutura, para tanto em decisão conjunta o grupo elaborou outra rifa para arrecadar o restante do dinheiro necessário para o término do galpão das costureiras.

Mesmo sem um espaço e sem recursos planejamos e desenvolvemos algumas oficinas de formação político-social para as mulheres da comunidade e participantes do Projeto.

As escolhas da temática das oficinas realizadas ao longo de 05 encontros partiram das inquietações e vontades das próprias costureiras. Na Tabela 1 estão listadas as oficinas/atividades sugeridas e realizadas, bem como seus objetivos e em anexo os Planejamentos detalhados:

**Tabela 1 - Oficinas Pedagógicas realizadas no Sol Nascente**

	<b>Nome da Oficina</b>	<b>Objetivo Geral da Oficina</b>
1.	<b>Direitos da Mulher (Lei Maria da Penha)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dialogar com as participantes do projeto sobre seus direitos, enquanto mulheres, e os trâmites referentes ao meio jurídico.</li> </ul>
2.	<b>Direitos da Criança e do Adolescente (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA);</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dialogar sobre os direitos e das crianças e dos adolescentes e deveres dos pais e/ou responsáveis com relação aos mesmos.</li> </ul>
3.	<b>Saúde da Mulher (Prevenção do Câncer de Mama)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alerta-las para as formas de prevenção do câncer de mama e tratamentos oferecidos pelo Sistema Público de Saúde.</li> </ul>
4.	<b>Direitos Trabalhistas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar as participantes a respeito dos seus direitos trabalhistas, principalmente, às leis relacionadas as diaristas.</li> </ul>

5.	<b>Oficina de autogestão (Autogestão em cooperativas de Economia Solidária)</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentar e aplicar os conceitos de autogestão em redes cooperativas de Economia Solidária.</li></ul>
----	---	--

O intuito é que as atividades/oficinas de formação oportunizassem a todas o que Paulo Freire referia-se por empoderamento, ou seja, a "capacidade do indivíduo realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer".

“A Leitura do Mundo continua válida como estratégia pedagógica de uma educação libertadora na qual ler o mundo é condição necessária para a sua transformação”. (ANTUNES, 2002, p.2).

Há na Economia Solidária oportunidades/potencialidades ímpares de educar para a transformação, para a autonomia, para a *práxis* da reflexão-ação-reflexão. Para além da sala de aula e o giz no quadro negro há de se ensinar o sujeito a ler o mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta a experiência com a comunidade do Sol Nascente em Ceilândia percebe-se que há na Economia Solidária e na Educação a necessidade de compreensão e aceitação do Outro, porém não se trata da aceitação no sentido de apenas tolerar a presença, mas de fato respeitar a diversidade e as opiniões de outros membros sem distinção hierárquica, racial ou social.

Ao longo de um ano e meio de projeto e contato com a comunidade os aprendizados foram infindáveis e significativos. Enquanto prática pedagógica a Economia Solidária proporciona para o (a) educador (a) pilares capazes de elucidar a educação transformadora, a preocupação com a diversidade e a humanização da escola e de ambientes não escolares. A medida que retomamos valores sociais e políticos como solidariedade e cooperação a prática pedagógica assume significados efetivos.

Os resultados alcançados com a utilização dos diários de bordo, relatórios e posterior reflexão dos instrumentos, por meio da Pesquisa-ação foram significativos. Este tipo de metodologia permite ao (a) pesquisador (a) participar efetivamente da pesquisa, ir além dos limites apresentados no início da mesma e aprofundar o conhecimento com relação àquela comunidade.

Em projetos de cunho político-social o contato com os (as) pesquisados (as) e a imersão na comunidade são essenciais para o sucesso na reflexão, pois não há crítica reflexiva se não há contato com os (as) pesquisados (as). Para este tipo de pesquisa, metodologias positivistas não são recomendadas, partindo da prerrogativa de que somos seres subjetivos a objetividade do positivismo nos oprime e delimita, porém o que se busca com a Economia Solidária e com a Educação transformadora trata-se do inverso, é dar voz aos oprimidos.

O campo da Economia Solidária tem assumido posições de destaque na sociedade, nos meios políticos e de comunicação. Há necessidade de que uma nova economia aconteça à medida que temos um grande número de trabalhadores (as) desempregados (as) buscando maneiras alternativas de geração de renda e sobrevivência em uma economia excludente e individualista. Dessa maneira não houve dificuldades para encontrar bibliografias capazes de explicar e relacionar a Economia Solidária a prática pedagógica.

**PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

*Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!*  
**Mario Quintana**

Estou na Universidade há cinco anos nos quais li muitos textos sobre os mais variados teóricos no que tange o assunto: “Educação”. Com a aproximação da conclusão do curso sinto-me também mais perto da prática docente, da sala de aula e dos desafios que está apresenta em seu cotidiano.

Neste momento de despedida da graduação as reflexões em relação a minha formação e sobre o “ser professor” são constantes. Será que escolhi a profissão certa? Será que as teorias que aprendi na Universidade são suficientes para suprir os problemas e os desafios da Educação? Sou uma boa professora? Imagino que questionamentos como os citados são eminentes para os que estão saindo da faculdade para assumir a responsabilidade de ensinar.

Educar e ensinar, por sua vez, é tornar os ditos “sem luz” em sujeitos da sua própria história, capazes de refletir suas condições de vida e serem autônomos para significarem sua aprendizagem. Bom, isso foi o que aprendi na teoria, porém sabemos que os alunos nos ensinam também, o processo de desenvolvimento e aprendizagem é mútuo, caótico e processual.

Minhas perspectivas profissionais com relação à Educação são infindáveis. Vejo na educação muitas possibilidades de crescimento, tanto profissional como pessoal. Trabalhar com a formação de pessoas, independentemente da sua idade, cor ou condição social nos ensina que somos diferentes e que nada é estável. Após a graduação quero dar continuidade aos estudos ingressando em um Mestrado Acadêmico (*Stricto Sensu*) na área de concentração que tange a Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação. Concomitantemente tentarei passar em um Concurso da Secretaria de Educação.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ângela. **Leitura do Mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade**. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 2000.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Editora Liber Livro, 2007. p.159.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CARDOSO, Cássia Eugênia e SOUSA, Avanete Pereira – 2012. **A formação da identidade social na perspectiva Bakhtiniana da Linguagem**. Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista v. 4, n. 2 p. 147-160 jul. /Dez. 2012.

COUTINHO, Maria Chalfin; BEIRAS, Adriano; PICININ, Dhiancarlos e LÜCKMANN, Gabriel Luiz – 2005. **Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a psicologia em empreendimentos solidários**. Psicologia & Sociedade; 17 (1): 17-28; jan/abr.2005.

FBES. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: [www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br). Acessado em 18/04/2015

FREIRE, Paulo - 1996. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2003. p.148.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 2011. p.253.

GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. p.138.

HILÁRIO, Renato. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2011. p.260.

KRUPPA, Sonia M. Portella Kruppa, organização. **Economia Solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: Inep, 2005. p.104.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007. p.130.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1997). **Uma concepção multicultural de Direitos Humanos**. Lua Nova Revista de Cultura e Política. Governo e Direitos – CEDEC, n° 39, p. 122.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SINGER, Paul. **Economia Solidária como ato pedagógico**. Brasília: Inep, 2005. p.104.

SINGER, Paul. **Economia Solidária: um modo de produção e distribuição. A Economia Solidária no Brasil: A autogestão como Resposta ao Desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

TAULIE, José Ricardo; RODRIGUES, Huberlan. **Economia Solidária e Autogestão: a criação e recriação de trabalho e renda**. São Paulo: IPEA, 2004.

TERESINHA, Maria – 2008. **A Formação do Sentido e da Identidade na Visão Bakhtiniana**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 181-206.

THIOLLENT, Michel - 1947. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011. p. 136.



## ANEXO (S) \*\*

### **Diário de Bordo - Data: 05/01/2013**

Depoimento da Dona Edna: presta ajuda moral a comunidade, sem relação à ajuda financeira. Leva alimentos juntamente aos Vicentinos e deseja ajudar as mulheres a ganhar o pão. Depois de 6 meses sendo auxiliadas com alimentos, elas devem conseguir andar por conta própria. Sua ajuda junto com o grupo dos Vicentinos não olha a religião de quem está sendo ajudado.

Depois de Edna dividir um pouco de suas experiências com o grupo, uma atividade nova para integração se inicia. O grupo grande é dividido em grupos menores, que devem mesclar a comunidade do sol nascente com a da UNB. Cada grupo recebe uma folha de papel pardo e canetinhas, e cada um deles é encarregado de desenhar, separado dos outros, as partes do corpo de um boneco. O resultado é uma boneca harmoniosa, mesmo sem comunicação. Isso mostra uma sintonia, pois muitas vezes o boneco sai sem proporção.

O grupo demonstra sua cumplicidade quando vemos a boneca toda montada. Essa atividade faz com que os 02 grupos que antes não se conheciam se integrem melhor. Duas crianças filhos das mulheres do projeto também fazem seus desenhos. Nos desenhos de Marcelo e Larissa estão presentes a figura do sol. Uma metáfora é feita entre o sol com a forma que iluminamos a vida um dos outros, e ajudamos a cuidar um do outro. Dona Edna nos fala como não adianta ficarmos em casa com depressão.

Depois dessa atividade a professora Sonia faz uma breve explicação do conceito de dádiva. Onde existe o momento de dar, de receber e de retribuir. Sendo que a dádiva é o modo de trabalho na economia solidária. Dona Edna nos conta quando em um momento difícil de sua vida e os irmãos desse grupo que a ajudaram e mostraram preocupação com ela.

Conversamos sobre o fato do que era para ser um boneco, acabou virando uma boneca. A boneca ficou bonita, pois a comunidade se reconheceu como um conjunto, onde cada um sabe de seu papel formador. Desenhamos uma boneca porque a identidade da mulher no grupo é muito forte. Falamos de estabelecer a

boneca como símbolo de nosso trabalho. Nesse momento cada uma das mulheres é chamada para se apresentar para o grupo, e mostrar seu trabalho.

Marilene nos conta que aprendeu o trabalho com Marcilio e agora ajuda outras mulheres a aprenderem também. Ela acha que se tivermos interesse e vontade conseguimos aprender as coisas, como costurar. Marilene tem dois filhos, sendo que sua filha também já aprendeu a costurar. Gessina está a 09 meses no projeto, tem 04 filhos e 02 netos, e nos mostrou uma bolsa que ela fez com material de sofá.

Marcilio trabalha com artesanato a mais ou menos 06 anos. Ele nos conta como o Sol Nascente; e uma cidade nova e não tem suas demandas atendidas pelo governo. Ele sabia costurar e tinha uma máquina e queria incentivar a serem feitas 20 mil sacolas para ajudar na coleta do lixo (o caminhão só vai à rua principal). A ajuda de Adriana entra em um curso de direitos humanos. Ele começa a ensinar as mulheres com materiais velhos, para depois passar para o novo. Ele conta que várias das mulheres que ele ensinou já estão trabalhando por conta própria e vendendo no mercado. Ele faz parte da prefeitura comunitária e trabalha na UnB. Ele tem um site que fala sobre seu trabalho o: cangaceiro da vida UnB. Ele teve esse projeto contemplado também pela incubadora.

Lucélia é esposa de Marcilio, se sente muito feliz em ver que o sonho do marido está sendo realizado. Ela ajuda como pode é esta sempre nos bastidores. Ainda não sabe costurar. Neste momento entra um projeto de professores que lecionam em universidades americanas. O projeto é ligado a ONG “Engage de Power”. O projeto que vai acontecer na comunidade é a Agenda e Educação, que vai ser desenvolvido ao longo de 02 anos. Nesse momento esse grupo começa a olhar o trabalho das mulheres, e se interessar por eles.

Maria tem 04 filhos, e vendeu no dia as bolsas que haviam sido feitas por ela. Cristina ainda está aprendendo a costurar, e vêm as reuniões sempre que pode e tem 03 filhos. Conceição nos conta sobre o seu trabalho de artesanato com materiais recicláveis. Ela nos fala de seu desejo de ver o grupo crescer mais, e quem sabe expandir até para outros países.

Teresa está no grupo faz 06 meses. Tem três filhas e foi convidada a entrar no grupo pelas filhas que fazem o curso de redação na escola. Ela fala da necessidade de um espaço físico e fala do seu sonho de gerar renda e progredir.

Maria Zuma está fazendo um curso de empreendedorismo com Marilene, e quer trazer os conhecimentos dela para o grupo.

Emerson inicia seu trabalho em outro projeto as “redes humanas”. É vendedor e gosta de divulgar. Ele acha que a comunidade precisa muito de qualificação profissional. Estava meio desconfiado no começo. Felipe faz parte da plenária tem 16 anos, no começo desconfiou se o projeto ia dar certo, mais viu como as mulheres são guerreiras.

Nesse momento alguns alunos da UnB se apresentam: Samia enfatiza a importância da troca e de ser solidário de fora do processo. Dona Edna enfatiza também a importância do tempo solidário. Antônio é aluno do curso de Biologia, e está no projeto com sua mulher e sua filha. Ele reconhece a importância e a dificuldade de sairmos de nossas casas para esse tipo de atividade. Jessica chegou ao projeto agora quer conhecer melhor todo mundo e ajudar.

Considerações muito importantes são feitas sobre a questão de determinar o preço justo. E também é comentada a necessidade de valorizar o trabalho e ter uma renda. Falamos de como é importante o curso de design para agregar valor ao produto. A professora nos fala de como esse produto é especial e que ele não é direcionado a qualquer mercado, e sim a mercados especiais como as feiras de economia solidária. Também é citada a importância de discutir o que vai estar presente no curso de economia solidária.

A fala da professora Sonia nesse momento mostra o valor de termos uma escola aberta a comunidade. De a mulher ter um tempo para ela em meio a tantas atividades. Nós conversamos como a economia solidária compra valor, e que seus produtos têm identidade, e quem compra deve saber dela. Vemos a necessidade de criar um símbolo que identifique o grupo, que quando olharmos uma obra, relacionarmos ela ao grupo. Conversamos também sobre a questão da liderança concentrada, e da necessidade de todas poderem continuar o grupo da falta de uma liderança.

Nessa parte do encontro, as mulheres nos contam suas demandas.

O que falta?

- Maquinas;
- Materiais;
- Espaço;
- Design para melhoria de cores, combinações, modelos;
- Pensar no nome do grupo/símbolo;
- Questão do preço justo;
- Álbum com história de vida das mulheres, do grupo mais fotos dos produtos.

É necessário registrar os acontecimentos do grupo para o futuro e também melhorar a habilidade de trabalhar junto e decidir no coletivo. Perguntamos se o grupo gostaria mesmo de trabalhar conosco, e eles afirmam que sim. Ficamos de voltar com o desenho de um plano de ação, que deve ser discutido com o grupo.

### **Diário de Bordo - Data: 12/01/2013**

Foi o dia em que o projeto nos foi proposto, também tivemos uma apresentação inicial das demandas e das características do Sol Nascente. Estavam presentes as alunas: Mayara Azevedo, Késsia Montezuma, Danielle Carvalho.

O grupo saiu da FE e encontrou a Adriana na escola. Devido à chuva, poucas costureiras compareceram ao encontro. Estavam presentes também Marcílio e “minha linda memória”. Explicaram-nos como estava pensado o projeto, as impressões deixadas foram:

\* Análise socioeconômica:

- 100 mil habitantes;
- Várias lideranças políticas e poucas comunitárias.

Como o projeto me foi apresentado:

“Projeto de politização e oficina de costura com as mulheres da comunidade Sol Nascente” P.A C – Pólo de Ação Continuada. É o pólo de extensão da UnB que atua na comunidade através do projeto escola aberta.

O projeto proposto teria como objetivo fazer um uma “formação em ECOSOL” antes que as máquinas chegassem, em 10 encontros. Na análise dela, as mulheres precisam de um empoderamento porque o controle da gerencia estava concentrado no Marcílio e no Valmir- precisamos de uma autogestão.

\* Lacunas

- Espaço para a oficina de costura;
- Formação de um grupo-união-cooperação.
- Trabalhar a formação política junto com o trabalho;
- Pensar em soluções para a sazonalidade;
- Construir um fórum de entidades;
- Certificação

---

### **Diário de Bordo - Data: 19/01/2013**

Poucas mulheres compareceram, o Marcílio explicou que poderia ser porque muitas delas viajam para as cidades natais nesse período do ano. Discutimos um pouco o intuito do projeto, o público alvo (mulheres com interesse econômico) e estratégias de mobilização. Ficou decidido que a próxima reunião seria para organizar o mutirão do quartinho

Tivemos oportunidade também de conversar bastante com o diretor da escola, Marcos, sobre os projetos que funcionam na escola, como são a relação escola-comunidade, as dificuldades atuais. Ele deu um panorama geral da realidade do Sol Nascente, apesar de não termos tido contato com a comunidade nesse encontro.

## **Diário de Bordo - Data: 20/04/2013**

Realizamos a visita a campo no Sol Nascente. Nosso encontro foi realizado na Igreja Batista Graça e Paz porque a Escola Classe nº 66 estava sendo utilizada para o cadastramento das famílias na Companhia de Habitação.

Iniciamos nossas atividades com uma roda de conversas para nos apresentarmos e conhecermos a comunidade.

Conversamos com a Sr<sup>a</sup> Raimunda Antônia Alves da Silva que nos relatou que aprendeu a costurar com a sua irmã e trabalha por conta própria. Já trabalhou formalizada em uma loja na Ceilândia denominada Magali Moda Íntima, porém o chefe exigia uma produção cada vez maior, aí ela decidiu abandonar o emprego.

Dona Raimunda já vendeu suas peças em frente ao Conjunto Nacional e foi para o Shopping Popular localizado no Cruzeiro, mas, o movimento era pequeno. Ela deseja fazer um curso de moda íntima já que produz roupas íntimas e calças de academia.

A maior parte de suas vendas são no Sol Nascente e seu lucro chega a R\$ 1500,00.

A Sr<sup>a</sup> Raimunda admite que conhece muito pouco sobre as cooperativas, mas, gosta de assistir programas que falam sobre empreendedorismo e negócios tais como: Pequenas empresas, grandes negócios.

Depois da conversa com Dona Raimunda, ouvimos o Sr. Marcílio que é o líder comunitário e organizador do trabalho das costureiras.

Segundo Marcílio, o projeto possui 130 mulheres. O grupo não conseguiu se estruturar e a demanda das mulheres aumentou.

Elas produzem bolsas de tecido e a primeira leva de materiais foi fornecida pela escola e se converteu em lucros para a compra de novos materiais.

### **Principais demandas:**

1. Vender as bolsas já produzidas;
2. Conseguir um local para a venda;
3. Materiais;
4. Especialização (cursos);

5. Criar uma marca para as bolsas;

**Plano de trabalho para o próximo encontro:**

1. Trazer as mulheres da comunidade;
  2. Realizar uma proposta de trabalho efetiva.
- 

**Diário de Bordo - Data: 27/04/2013**

*1 Apresentação das mulheres:*

-Expectativas de vida e perspectivas de acrescentar ao grupo o conhecimento de cada um

*2 Apresentação e explicação do projeto para as mulheres.*

-Pensar no desenvolvimento da comunidade juntamente com as mulheres.

*Ações de curto médio e longo prazo*

- Passar as experiências e saberes de uma para outras.
  - Criar uma marca para os produtos a serem vendidos (Deivison tem um amigo que pode ajudar).
  - Colocar produtos no site (possibilidade de vender os produtos por encomenda).
  - Curso a distância do SEBRAE - formação de preço (ver quem gostaria de fazer o curso e ensinar para o grupo).
  - Trazer alguém para avaliar e ajudar a aperfeiçoar os produtos confeccionados - Padronização da qualidade- (cada mulher vai trazer um modelo de bolsa).
  - Local para venda na UnB - Sonia e Marcilio estão responsáveis por como levar as mulheres p/ a UnB (lanche ou almoço p/ todas) e como vender.
  - Infraestrutura do cômodo da costura (armários) Sonia e Marcilio estarão responsáveis por esta parte.
  - Fazer uma ficha de avaliação do perfil social das mulheres para melhor direcionar as ações (Deivison vai passar o questionário p/ Sonia que por sua vez vai acrescentar e melhorar o questionário).
  - Tiago ficou responsável pelo site.
-

### **Diário de Bordo - Data: 04/05/2013**

O propósito do GT para esse dia foi de começar a trabalhar o Projeto “Cidadania”, ou seja, colocar em prática o planejamento de trabalho do grupo. Porém, não foi possível, porque novamente não podemos contar com a presença das crianças e jovens da comunidade.

No entanto, fizemos uma dinâmica com as crianças que estavam presentes, eram cerca de 20 no total. Posteriormente, foi passada uma atividade para as crianças. Foram distribuídas canetas, lápis e folhas para elas desenharem de um lado da folha e do outro escreverem alguma frase sobre o desenho e, quem não conseguia escrever ou desenhar teve o acompanhamento das Pedagogas.

Após todos terminarem a atividade, foi proposto que as crianças apresentassem seu desenho e o explicasse. Todas as crianças fizeram a apresentação dos desenhos, quais foram recolhidos depois.

O GT fez ainda um lanche coletivo com as crianças e, depois elas foram levadas para a quadra da Escola, aonde brincaram.

O GT achou necessário se reunir para tomar decisões sobre o próximo encontro. Anterior à reunião o Marcílio, coordenador do projeto na comunidade Sol Nascente, havia sugerido que fizéssemos algo para comemorarmos o Dia das Mães. Então, o GT decidiu para o próximo encontro, no caso seria dia 11/05, juntamente com os GT's da costura e da reciclagem fazer um café da manhã para as mães. Com isso, foi decidido também que o GT iria preparar lembrancinhas para as crianças fazerem e entregarem as suas mães.

---

### **Diário de Bordo - Data: 11/05/2013**

Sendo véspera do dia das mães, o encontro do dia 11 de maio iniciou com uma confraternização com as mães, crianças e alunos da UnB, foi um café da manhã muito agradável e descontraído. Em seguida os GTs se dividiram cada um em uma sala.

No GT das crianças, realizamos uma atividade para homenagear as mães. Cada criança fez um desenho dentro de um coração para ser entregue para cada



mãe. Junto com os desenhos nos corações foi entregue também uma mensagem, e um balão para que eles também desenhassem ou escrevem algo para suas mães.

Depois da atividade com as crianças, as alunas do GT- Crianças se reuniram para conversar sobre o andamento e planejamento das atividades seguintes, expomos nossas ideias e angústias entre si, principalmente por não termos uma certeza quanto ao número de crianças que participam dos encontros, o que dificulta o nosso planejamento das atividades. Depois de fazermos esta reunião entre o grupo, chamamos nossa coordenadora Jéssica, para apresentá-la todas estas dificuldades que estávamos passando e presenciando. Após esta conversa com todos os grupos se reuniram para o compartilhamento das ações que foram planejadas para o próximo encontro.

No próximo encontro do dia 18/05 o nosso grupo de trabalho irá trabalhar junto com os outros dois GTs, com oficinas sobre o lixo, e mais especificamente sobre a reciclagem. Proposta está do GT-Reciclagem, que relatou que irá fazer um trabalho de reciclagem com as crianças da escola, no qual precisará da ajuda das pedagogas e, nós do GT- Crianças nos disponibilizamos a trabalhar, participar, auxiliar e ajudar. Neste sábado apenas participarão os alunos do turno da manhã. Dentro e junto a esta proposta também iremos começar com a nossa programação inicial, o “Projeto Cidadania” no qual já tinha sido definido como primeiro tema a reciclagem.

---

### **Diário de Bordo - Data: 18/05/2013**

Chegamos em Sol Nascente por volta das 09:30h. Com a presença da professora Sônia e da comunidade, decidimos algumas ações que ocorrerão no projeto a partir do dia 25/05. Sairemos da UnB todos os sábados a partir das 08:15h. Todos deverão estar em Sol Nascente (comunidade e alunos) às 09:30h. A cada 30min de atraso na chegada, 30 min serão acrescentados ao horário da saída.

Os alunos da UnB subdivididos em duplas realizarão cursos a distância no site do SEBRAE ([www.ead.sebrae.com.br](http://www.ead.sebrae.com.br)) e os transformarão em uma linguagem popular para a comunidade.

Os cursos, as datas e os responsáveis pela apresentação seguem abaixo, considerando que o sábado do dia 01 de junho será um sábado letivo no calendário da UnB.

<b>Curso</b>	<b>Data</b>	<b>Responsáveis</b>
<b>Sei unir forças para melhorar.</b>	25/05	Profª Sônia e Davidson
<b>Sei empreender</b>	01/06	Thayá e Mateus
<b>Sei planejar</b>	08/06	Priscila e Jéssica
<b>Sei controlar meu dinheiro</b>	15/06	Luciana e Joice
<b>Sei comprar</b>	22/06	Késsia e Stephane
<b>Sei vender</b>	29/06	Profª Sônia e Davidson

Após as definições das apresentações, houve a apresentação de um vídeo pela professora Sônia sobre experiências, princípios e valores da Ecosol. Conversamos com a comunidade a respeito do vídeo e, depois subdividimos o grupo nos GT's.

No grupo de trabalho da costura e habilidades manuais foram apontadas pela comunidade algumas necessidades e interesse de trabalho. Como interesse de produção foram citados o artesanato e as bolsas BAG's. E a necessidade ainda é o material para produção.

Decidimos juntamente com a comunidade que as bolsas serão feitas a partir de um padrão para agradar o nosso público alvo.

O produto principal será a sacola média (43x36cm) capaz de comportar: computadores, cadernos e atende ao público dos jovens estudantes.

O segundo produto será a sacola grande para as senhoras fazerem compras no supermercado/ feiras.

E por último, os acessórios que acompanharão as bolsas ou serão vendidos separadamente. A professora também, sugeriu que providenciássemos um material de divulgação: cartão, site ou página no facebook.

*Ações para a próxima semana:*

- Esta semana a professora Sônia irá pedir autorização no DEX para a venda dos produtos na UnB.
- O Davidson levará as bolsas para uma consultora no SEBRAE analisar os produtos.
- 2 pessoas se encarregarão de ir ao Taguacenter no sábado para catalogar os preços dos materiais.
- O Davidson estilizará a marca do Sol Nascente.
- As mulheres trarão sua história de vida para montarmos um catálogo.

Encerramos as atividades por volta de 11:45 com a ausência do GT da reciclagem e com a sugestão das meninas do GT das crianças de um maior envolvimento desses integrantes.

---

### **Diário de Bordo - Data: 25/05/2013**

Conforme combinado no encontro do dia 18/05 saímos da FE/UNB as 08:30 em direção a comunidade de Sol Nascente. Chegamos por volta das 09:15 e como parte do acordo os trabalhos foram iniciados as 09:30. Após as boas-vindas iniciamos os trabalhos com os GTs estabelecendo que os grupos começariam a fazer o planejamento anual dos trabalhos. A professora Sônia salientou a importância desse planejamento para que haja a continuidade dos trabalhos no decorrer do Projeto, independente daqueles que entrem ou saiam do projeto.

Em seguida ao ajustamento das condutas a serem realizadas pelos GTs, conforme foi combinado a professora passou para a comunidade e para os alunos o primeiro curso do SEBRAE: Sei unir Forças para Melhorar juntamente com orientações aos grupos voltados para o desenvolvimento de ações direcionadas a geração de Renda, Trabalho e Cidadania.

Dando continuidade, os grupos foram divididos para que cada qual realizasse seus planejamentos de acordo com as orientações. Faltando meia hora para o encerramento dos trabalhos, voltamos a nos reunir e num grupo maior compartilhando o que cada GT tinha realizado no dia e qual as diretrizes a serem

realizadas nos encontros dos meses de junho e julho. Por volta das 12:00 horas os trabalhos foram encerrados, devendo cada coordenador dos GTs postarem na plataforma o planejamento dos trabalhos, para que os alunos possam interagir com os GTs do Projeto.

*Próxima semana Aprender e Ensinar*

-Aprendizado e confecção de artesanato com EVA para o dia das mães - Sheila estará responsável por comprar o material e ensinar as mulheres. (Sonia fez uma doação de 100,00 para a compra do material).

-Foi pedido que cada mulher trouxesse CDs, ferro de passar roupa, galhos e tesouras.

Ficou combinado também que Lucélia e outras mulheres levassem as bolsas que já estavam prontas p/ “agregar valores” (colocar chaveiros e outras coisas nas bolsas).

Sugestão: O relatório será repassado para todos.

Professora Sonia lembrou a necessidade de entrar no moodle uma vez por semana (no mínimo).

